

## Editorial

# A incurabilidade da dor do amor como via de trabalho subjetivo

Henrique Figueiredo Carneiro

Como uma base inexpugnável da constituição psíquica de cada sujeito, a melancolia, enquanto um traço comum a todos, pode ser revivida em cada cena de perda, ameaça sofrida contra os ideais ou nas irrupções do real. Por isso, a melancolia talvez pudesse ser considerada a base da psicopatologia ou o fundamento do sujeito.

Para construir uma travessia da base melancólica do sujeito, apresentamos neste número algumas considerações sobre a sua presença, enfocadas a partir de uma visão da transferência, da ambivalência, da catástrofe e da pulsão.

Nas idealizações construídas pelas mulheres na condição de se tornarem mães, o traço melancólico eclode exigindo uma atualização subjetiva, sobretudo quando é surpreendida com o nascimento prematuro do bebê. Este trabalho de atualização pode ser acompanhado pelos sentimentos, fantasias e idéias que as mães apresentam sobre os seus bebês prematuros.

E o que dizer dos transtornos alimentares? O tratamento proposto pelo método clínico serve como um alerta. Aquilo que se re-

tira da boca de quem come nada pode ser de grande valia para o estudo da referência melancólica na base da subjetividade. Trata-se aqui da base amorosa da melancolia, uma espécie de incurabilidade da dor de amor.

O traço da incurabilidade é de tamanha importância para a apresentação do pathos, que emerge nos estudos sobre situações de deslocamento geográfico e cultural. Os que deixam a terra natal em outros campos não vivem, insistem.

Os trabalhos institucionais realizados com a saúde mental e as intervenções de políticas públicas voltadas para a cidadania servem de exemplo para a importância da base melancólica da subjetividade.

Nestas intervenções, o valor atribuído a tristeza, a alegria, a nostalgia do sujeito no laço, dimensionam a perda e permitem um trabalho em torno do real. É uma via aberta para a psicopatologia fundamental e suas relações com o sujeito e com o social.